

O poder pode significar a posse e a dominação de um ser humano pelo outro e nos reporta ao autoritarismo, à ditadura, à tirania, à arbitrariedade. Mas a virtude também é poder, mas de um outro tipo, como energia e força, potencialidade e latência, virtualidade e excelência.

A virtude é tão necessária quanto o poder dela decorrente. Ela é histórica como é a humanidade, e ambas, virtude e história, sempre coincidem na pessoa virtuosa. A virtude de uma pessoa é o que a torna humana, e constitui o poder específico que ela tem de afirmar sua própria humanidade. É a maneira que encontramos de poder ser e agir humanamente, isto é, de agir *bem*, que é a essência da virtude. A virtude, como poder, acontece no cruzamento do *Animal laborans* com o *Homo faber* — como hominização— e do *Homo faber* com gente — como humanização.

Por isso, acabamos revelando nossas identidades em um contexto impregnado de ação, de discurso e de poder que se apresenta como a rede de relações onde nos constituímos como humanos, estabelecendo um novo início que emerge como a história singular da vida de cada recém-chegado que, de alguma forma, afeta de uma maneira única a história de vida daqueles com quem entra em contato. Essa é a revelação de que cada um de nós não é, afinal, autor nem produtor isolado da ação, pois um outro, também sujeito dessa história, tê-la-á iniciado antes, o que nos leva à virtude da gratidão.

A ação humana, em razão da força e da flexibilidade de seus processos, provoca conseqüências imprevisíveis e irreversíveis que só podem ser superadas por poderes inusitados. O primeiro é o poder de perdoar, que reverte ações passadas, contradizendo a condição natural de irreversibilidade dos acontecimentos. O perdão combate e destrói a lei de Talião, rompendo o ciclo do ‘dente por dente, olho por olho’, responsável pela potencialização da violência. Mas o poder de perdoar decorre da virtude da misericórdia, como expressão do sentimento de que o outro é uma manifestação do sagrado. Mas não é só a misericórdia que possibilita o perdão das pessoas. Na esfera pública e no domínio coletivo,

institucional ou comunitário, como é o caso da escola, a admiração e a atitude de respeito mútuo também conferem esse poder.

Outro poder é o de prometer e cumprir promessas, que garante a continuidade nas relações humanas, o que contraria a imprevisibilidade dos eventos e supera a limitação das pessoas de só terem fé em si mesmas e de desconfiarem sempre dos outros, o que nos reporta às virtudes da fé e da esperança.

As virtudes incorporam um fundamento ético nessa situação contemporânea de transformação crítica. É nesse contexto de perplexidades, porque humano, que as virtudes alimentam uma sabedoria que se dedica à construção da reciprocidade e do respeito à alteridade e à diversidade, propiciando um vínculo orgânico entre as pessoas. E será o mistério da vida que instigará essa sabedoria, como um dom a serviço do outro, mais do que os conhecimentos que começam e terminam em indivíduos. E será também essa sabedoria que definirá os encontros humanos como horizontes e transformará uma realidade que não existe sem a presença das pessoas, tanto quanto estas sem ela.

Mas a utopia virtuosa não se realiza apenas com intenções ou idéias. Ela será realidade, sim, mediante uma ação capaz de elaborar sua própria significação, pois o sentido da vida nesse mundo de perplexidades só é garantido por uma ação virtuosa que se apóie na decisão que a pessoa toma quando age e julga as conseqüências de sua ação. Mesmo porque não é mais possível permanecer alheio, por exemplo, à banalização da violência e suportar a indiferença frente à discrepância entre crimes hediondos contra a vida e a dignidade humanas e a incapacidade dos perpetradores de pensar e emitir um juízo de valor sobre seus próprios atos e suas conseqüências.

Essa escalada de violência talvez seja o pior dos males na sociedade humana contemporânea, porque resulta da progressiva degradação do pensamento e da confusão da capacidade de julgamento. Isso nos faz questionar sobre a possibilidade de relacionar o pensamento humano com a faculdade de discernir a ação e suas conseqüências.

O pensamento ético passa, por conseguinte, a constituir a sustentação universal da ação, que acompanha a vida e trata de virtudes tais como a justiça, a prudência, a coragem (fortaleza) e a temperança; a misericórdia e a compaixão; a simplicidade e a humildade; a generosidade e o amor.

Mas a ética está igualmente vinculada à vontade e ao livre-arbítrio, como a liberdade de fazer o que se quer e de querer o que se quer, mas, principalmente, de agir além do interesse individual e imediato e além do uso meramente pragmático e utilitário da razão prática.

A vontade e o livre-arbítrio poderiam ser apenas uma ilusão, na medida em que não seríamos de fato livres, inexoravelmente submetidos ao determinismo histórico e incapazes de viver sem pensar que somos de fato livres em nossa vontade. Nesse sentido, a vontade e o livre-arbítrio não passariam de uma espécie de liberdade ilusória.. Ocorre, no entanto, que o futuro é imprevisível, mas se constrói com as histórias pessoais que constituem a história do mundo que se projeta — virtualmente — no futuro.

A ética assume, assim, um sentido mais radical: não só como responsabilidade *a priori* pelo outro, mas também *a posteriori* em relação às conseqüências das nossas ações — muitas vezes inconscientes e não intencionais, mas sempre produtoras de conseqüências, construtivas ou destrutivas. E essa ética interpessoal que reconhece a dimensão virtuosa da relação de cada pessoa com a outra, que pode representar uma interrogação, um desafio ou uma ameaça, mas também uma resposta, um perdão, uma presença ou uma promessa. A ética representa a origem primordial das virtudes e constitui o encontro do conhecimento e da consciência, a condição fundamental da liberdade e da solidariedade universais, como utopia e mistério. (Não fosse desse modo, o sentido ético de toda ação acabaria se diluindo na bruma da não intencionalidade, da determinação inevitável e do não protagonismo humano.)

Uma ética, enfim, que serve de referência para o juízo crítico das nossas ações em sociedade e como capacidade de julgar da vida do espírito, ao tomar como princípio as virtudes. E é ela que será capaz de condicionar e parcializar uma listagem moral que, tomando como princípio hábitos e costumes, limita-se a determinar o que é proibido ou permitido, certo ou errado, lícito ou ilícito, meramente prescrevendo obrigações e responsabilidades. Principalmente a ética, como essa capacidade de julgamento, propiciará o diálogo de cada pessoa com a sua própria consciência e com as consciências das outras pessoas, despertando-as de uma eventual indiferença em relação à agressão à vida e à dignidade do outro. Será, pois, na perspectiva da ação humana, sustentada pelas virtudes, que deve ser considerada a história de todas as pessoas.

Em síntese, a ação humana virtuosa, sob inspiração ética, assume como princípio que toda pessoa é essencialmente livre e solidária e capaz de um protagonismo responsável. Como a convivência humana se baseia na necessidade histórica de estabelecer contratos de curto, médio e longo prazos que evoluem em leis, regimentos, normas e preceitos morais, a ética passa a ser o princípio catalisador que garante a vida, fundamentando as virtudes e a responsabilidade solidária de cada um pelo outro e pelo mundo.